

# A HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA SOCIAL SOBRE ESPAÇO URBANO

ELIZABETH FORTUNATO\*  
ALOÍSIO RUSCHEINSKY\*\*

## RESUMO

Este texto apresenta algumas reflexões sobre o uso da metodologia denominada de História Oral em pesquisas no campo das ciências humanas. A metodologia da História Oral tem-se espalhado por diversas disciplinas e entre pesquisadores de origens diversas, ao mesmo tempo o seu uso tem provocado simpatias e adversidades. Os autores do presente texto buscam demonstrar que os indivíduos tomados como fonte original de informação junto às lutas sociais por moradia popular, a partir de sua prática social, alçam a condição de sujeitos sociais uma vez que contribuem para a produção da História e do espaço urbano. Na ampla tarefa das ciências sociais, cabe-lhe atribuir que trate os indivíduos como capazes de serem construtores e participantes da História. Esta é uma tarefa científica, política e educativa de quem assim procede optando pelo uso da História Oral. Deve ficar claro que aqui nos atemos ao emprego da metodologia e não à apresentação dos resultados de uma pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** história, memória, sujeitos sociais.

## 1 – INTRODUÇÃO

Os autores do presente texto compreendem que o emprego da metodologia da História Oral representa um encaminhamento de investigação que detém as qualidades como o intuito de obter e ampliar conhecimentos. A procura para explicar os significados da vida cotidiana é auxiliada de maneira significativa através de história de vida. Polêmicas e limites podem ser apontados a propósito das diferentes metodologias de pesquisa e subsistem para além do seu uso, uma vez que implicam em desvendar os fins da investigação. A riqueza da pesquisa com esta metodologia está na ênfase e importância atribuída ao sujeito da história, construtor de seu destino, entre possibilidades e

---

\* Professora da FMU, São Paulo, doutora em Geografia Humana – USP.

\*\* Professor do Dep. de Educação e Ciências do Comportamento e do Mestrado em Educação Ambiental – FURG. Doutor em Sociologia – USP.

limites.

Este trabalho tem por objetivo discorrer, sucintamente, sobre a História Oral e alguns aspectos éticos que envolvem as atividades de pesquisa que utilizam esta metodologia qualitativa. As características éticas acompanham esta investigação, uma vez que, ao se dar a conhecer através da narrativa ao pesquisador, o outro desvela seu universo íntimo e torna-se co-autor do conhecimento. Reconstruir histórias, situações, acontecimentos, subsidiado pela voz do outro, deve tornar o pesquisador responsável e comprometido com o valor de sua investigação e a difusão dos seus resultados para o público leitor.

Muitas vezes o fato de detectar fatos relevantes através da memória, que pode ser denominada de subterrânea, significa delinear aspectos relevantes que de outra forma ficam à margem da História oficial ou das evidências objetivas dos historiadores. A metodologia em análise prima em registrar a memória viva, as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva peculiar e os sentimentos de indivíduos das mais diversas origens socioculturais.

Muitos dos relatos obtidos por fontes orais dizem respeito a fatos não registrados por outros tipos de documentos, a fatos cuja documentação se deseja completar ou abordar por ângulos diversos. A busca de dados através de narrativas, como parte imprescindível para a elaboração do documento de pesquisa, coloca uma importante questão: a veracidade das informações obtidas. Recorremos aos relatos orais como principal fonte de análise e reflexão para consolidar uma investigação no campo das ciências sociais, buscando, assim, demonstrar o importante papel por eles desempenhado na construção de uma cidade mais justa e democrática.

As entrevistas, as quais aqui fazemos referência, foram realizadas tendo como objeto de investigação e análise a implantação e o desenvolvimento do Programa de Mutirão com Autogestão. O compromisso político consistia em contribuir para a construção de uma cidade mais justa e democrática. Na luta pelo direito à moradia os movimentos sociais vêm forçando brechas para a criação e ampliação de direitos fundamentais, constituindo, assim, um exercício de cidadania. Os empreendimentos através dos mutirões para suprir a necessidade de moradia não surgiram da noite para o dia: sua existência é fruto de um longo aprendizado em razão da luta pela moradia por parte dos personagens nele envolvidos. A sua emergência constitui-se um capítulo sobre o qual a História Oral pode debruçar-se com todo o fervor científico e educativo.

As características dos empreendimentos realizados pelos movimentos sociais em destaque têm como principal diretriz a

autogestão dos recursos financeiros e dos empreendimentos pelos próprios interessados. O transcurso desta trajetória fundamenta uma memória na qual também se conectam um conjunto de elementos, como a participação popular, as relações de poder, entre outros aspectos. E essa participação efetiva da população na construção da moradia permite não só que os custos com as obras sejam barateados como também – e fundamentalmente – a edificação da sua própria cidadania no exercício de seus direitos, enquanto segmento social produtivo e participativo.

Neste sentido, os autores entendem que cabe apresentar alguns elementos que guiaram uma investigação através da História Oral, mesmo que o espaço aqui não permita relatar os resultados.

## **2 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA HISTÓRIA ORAL**

Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre o uso da História Oral em pesquisas no campo das ciências humanas, em especial na história e na geografia. A metodologia da História Oral tem-se espalhado por diversas disciplinas e ao mesmo tempo provocado simpatias e adversidades quanto ao seu uso.

Em nosso uso, tentamos demonstrar como os indivíduos que tomamos como fonte original de informação alçam a condição de sujeitos sociais. A partir de sua prática, contribuem para a produção da História e do espaço urbano. Cabe às ciências sociais, no mínimo na sua ampla tarefa, reconhecer e tratar estes indivíduos como capazes de serem sujeitos da História. Esta é uma tarefa científica, política e educativa de quem assim procede optando pelo uso da História Oral.

Alguns autores fundamentam os nossos procedimentos, se bem que não vamos nos ater ao detalhe das diversas tendências, uma vez que isto não é objeto de nossa preocupação neste momento. De acordo com Meihy (2000, p. 29), "História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas".

Esta referência do autor caracteriza o compromisso político da metodologia em destaque. Os procedimentos científicos são importantes, assim como retornar o resultado da investigação ou da análise daí resultante ao grupo de entrevistados. O retorno é extremamente importante, pois isso permite a percepção de seu papel

de participação nos fatos que constituem a História, como na construção da cidade e, conseqüentemente, sua presença nas relações sociais.

É possível afirmar que o uso da História Oral representa uma contribuição muito valiosa para auxiliar a desvendar aspectos que outros métodos de investigação não alcançam, incluindo-se a produção do espaço urbano. De acordo com Thompson (1992, p. 137), "A evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em "sujeitos", contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira". Ora, o autor não advoga com isto a exclusividade da metodologia, mas a necessidade de complementar as análises a partir da multiplicidade de abordagens e metodologias.

No que se refere aos procedimentos nas entrevistas em História Oral alguns elementos convém destacar. Julgamos importante destacar, por exemplo, que estamos partindo de uma concepção de geografia e de história como ciência humana, e do espaço geográfico como espaço social, bem como da história como resultado das transformações produzidas pelos homens e mulheres que nela vivem.

A partir dessa perspectiva, as lutas sociais urbanas adquirem significativa relevância para a produção de uma cidade mais justa e democrática. Como é na cidade que vive hoje a maioria dos brasileiros, as lutas sociais urbanas tornam-se ainda mais importantes para as ciências sociais, pois permitem compreender como está sendo produzida a cidade no contexto histórico determinado. Para isso, torna-se urgente a utilização de uma metodologia adequada, ou seja, capaz de contemplar o papel dessas lutas para a produção de uma cidade menos excludente, desumana ou selvagem.

No espaço urbano brasileiro, isto é sobejamente conhecido, predominam os interesses em termos gerais das classes dominantes. Assim sendo, a população pobre só poderá garantir seus direitos se estiver organizada e mantiver seus canais de manifestação e decisão. E é dessa organização e de suas mediações adequadas que depende a produção de uma cidade mais solidária, menos violenta e mais justa. Evidencia-se o comprometimento da metodologia para que, seja na academia, na pesquisa ou na vida real, sejam reconhecidos os atores sociais, a fim de que se destaque que a cidade é produzida para todos os moradores, e não apenas para uma parcela deles.

Com o intuito de demonstrar, a partir da prática social, que os sujeitos das lutas sociais contribuem para a produção do espaço urbano, transformando-se assim em sujeitos da História, procedemos e optamos pelo uso da História Oral.

A partir desta decisão, em primeiro lugar, deve-se fazer a escolha das pessoas para serem entrevistadas, ou seja, aquelas que

vivenciaram os fatos a serem estudados. Não se deve usar um questionário previamente elaborado, uma vez que a vivência pessoal dos entrevistados é essencial. É necessário que os entrevistados tenham conhecimento da finalidade e importância do projeto de investigação que será desenvolvido, bem como da posição que nele ocuparão. A data e o local da entrevista ficam a critério do entrevistado, permitindo assim que ele esteja à vontade. As entrevistas deverão ser gravadas e posteriormente transcritas, transformando-se assim em documento.

Não por último, a transcrição das fitas é a tarefa mais delicada da História Oral, pois exige várias fases. Na primeira fase, a principal preocupação deve ser a transferência da fala da fita para o papel, sem haver preocupação com a pontuação ou ortografia corretas. Também não deve haver preocupação com a limpeza do texto, incluindo, assim, palavras repetidas, vícios de linguagem, entre outros aspectos. A segunda fase, chamada limpeza do texto, destina-se a dar forma adequada ao texto, ou seja, pontuação e ortografia corretas. Realizada essa segunda fase, a entrevista deve ser revisada pelo entrevistado, e só depois disso é que deve ser feita a versão final, totalmente limpa e corretamente digitada. Ainda cabe lembrar que a transcrição deve ser fiel à gravação, e que a limpeza da fita não deverá alterar a fala do entrevistado.

Finalmente, dependendo da forma como foi desenvolvida a investigação, a última etapa será a autorização do entrevistado para que a entrevista possa ser usada. A principal fonte utilizada para os procedimentos da entrevista em História Oral, baseou-se em Corrêa (1978), que aborda com detalhes teoria e técnica em História Oral.

Julgamos necessário, ainda, alguns esclarecimentos sobre os procedimentos metodológicos da investigação no contexto social observado. Procuramos, desde o início, deixar claro que nossa presença no cotidiano da luta social não visava simplesmente a obtenção de dados para a realização de um trabalho de pesquisadores que falasse apenas sobre os indivíduos e seus sofrimentos. Esclarecemos que pretendíamos desenvolver uma investigação que pudesse contar com a colaboração e enriquecimento mútuo, bem como na qual ficasse claro o destaque da luta efetivada em prol de políticas públicas com teor equitativo. A nossa discussão queria consolidar as bases para defender que esta prática social comprova a capacidade dos trabalhadores pobres, de propor e desenvolver programas sociais mais adequados à sua realidade. Como para muitos deles, é bastante claro o papel que desempenham na luta por uma cidade/sociedade mais desejável, e a idéia de realizarmos um trabalho de caráter científico e

educativo a partir dos relatos orais foi bem-vinda.

### **3 – CONSTRUINDO OS ELOS DA MEMÓRIA SOCIAL**

O intuito agora volta-se ao destaque dado ao contexto histórico em que desponta a memória, a ótica da cidadania, e para a qual se dirige a maioria das lutas sociais. A respectiva construção do conhecimento se dá a propósito da realidade conflitiva e através das condições de possibilidade de consolidar uma memória referencial. Na perspectiva da memória social, trata-se de tecer reflexões sobre uma temática relevante no contexto brasileiro através da proliferação de formas associativas especialmente como canais de expressão de interesses.

No percurso de nossa exposição, serão defrontados a construção da memória social enquanto elemento integrante da representação dos atores, do cenário, e a sua contribuição como fundamento para lutas populares recentes. A memória que a História Oral destaca configura-se ou elucida-se a partir de conflitos de interpretação e de participação efetiva nas decisões que afetam o cotidiano. Cabe ainda apontar como, no bojo do conflito que perpassa o estatuto das relações sociais, se constrói a solidariedade e a oposição às demandas manifestas pelos movimentos dos setores populares. Em outras palavras, a História Oral destaca como os personagens encaram a luta social no contexto da memória e do conflito, em vista de descortinar novos horizontes de ação política, especialmente através da realização de anseios cotidianos e de manifestações públicas.

Na estratégia de resistência passiva e de se estabelecer no meio de conflitos, cabem ser analisadas as resistências, as negociações com outros atores e as visões do poder. Utilizando os instrumentos oferecidos pelas ciências sociais e sob a ótica da memória desvendada através da História Oral buscamos responder a algumas questões referentes às práticas sociais. No contexto do conflito, as negociações com o Estado assentam-se como estratégia prioritária de pressão política, todavia com os respectivos alcances, limites e ambigüidades.

Os estudos sobre memória social a partir da História Oral vem demonstrando a sua relevância para compreender o comportamento assumido pelos agentes sociais no presente. O resgate da trajetória é de grande valia para uma perspectiva orientada para o futuro e para a expressão da demanda em conjuntura política que parece assaz adversa. Os entraves à realização das demandas alinhados no presente serão melhor colocados no devido lugar a partir da recuperação da trajetória (memória) empreendida pelos próprios participantes, que

delinearam, nas formas de ação coletiva, uma inegável importância no processo político.

Dentro da História das últimas décadas, os integrantes das lutas sociais por moradia vivenciaram uma experiência de articulação cuja tendência direciona-se a uma forma determinada de institucionalização, bem como a publicização de demandas sociais comprimidas. Os acontecimentos que marcam a construção da memória, modelando o universo de compreensão e do conhecimento, não estão imunes aos interesses dos agentes envolvidos e aos processos de subordinação.

Sob o ponto de vista metodológico, trata-se de adotar uma dupla estratégia, de um lado percorrer a documentação elaborada e que tenha sobrevivido ao tempo, e do outro lado analisar as representações em retrospectiva, tentando apreendê-las em seus momentos de constituição. A construção do texto a partir da memória social levará em conta a fragilidade ou o significado da preponderância da identidade coletiva vigente no seio das lutas sociais levadas a cabo.

Entre os desafios do mutirão autogestionado, coloca-se a estratégia de contornar o fluxo e refluxo das articulações em vista das restrições advindas do poder público e manter viva a expressão de interesses num momento histórico de refluxo das mobilizações coletivas. Pode-se afirmar que com frágil memória de resistência social a propensão é sucumbir diante das debilidades, em vez de manter a visibilidade efetiva no cenário social conflituoso.

Entre outros fatores, consolidar a memória do caminho percorrido pelas lutas sociais na História da modernidade como trajetória de conflito e de conquista progressiva obtém importância na medida em que se consolida como: fonte de avaliação dos empreendimentos e as correspondentes forças atuando sobre a orientação dos mesmos; superação de entraves e perpetuação de registro e crítica; trunfo para avaliar o que deu certo ou errado em momento semelhante; fonte de aprimoramento para proposições e estratégias para as lutas sociais; poder de manipular recursos reflexivos ou edificar-se como recurso intelectual para compreender as relações de poder; instrumento capaz de subverter o ordenamento da desigualdade social.

Dentro das ciências sociais, torna-se significativa uma postura intelectual que se preocupa com a apreensão do sujeito da ação, na medida em que a memória é um elemento da subjetividade alicerçada na observação, nas idéias coletivamente assimiladas, nas experiências partilhadas. Entretanto, na sua peculiaridade, também é portadora de informação objetiva, com determinado grau de veracidade. A memória das lutas sociais permanece na História, ora mais ora menos, pela compreensão

dos integrantes.

A reforma urbana e a construção do espaço urbano faz eco no elenco das reivindicações detectadas pela História Oral, e, ao mesmo tempo, constituem-se ponto de conflito com o Estado e com outras forças sociais. A História Oral associa-se ao empreendimento de resgatar questões da experiência e da História. Assim, tem servido como fonte de elementos que conduzem à análise das estratégias e, em consequência, para formulação da identidade social, bem como romper com outras leituras, como no caso da ênfase na submissão ao ditames da política elitista.

#### **4 – AS LUTAS SOCIAIS PELO ENFOQUE DA HISTÓRIA ORAL**

A experiência adquirida por diversos personagens envolvidos na luta pelo direito à moradia gerou um aprendizado, extremamente significativo, sobre uma série de direitos que, geralmente, são negados à população pobre. E esse aprendizado permitiu a esses personagens encontrarem, nos *mutirões autogeridos*, uma alternativa viável para a aquisição da tão sonhada moradia. Ao mesmo tempo, para os pesquisadores, este trajeto, penoso por sinal, implicou na formulação dos traços de uma memória social que tentamos destacar através da sua capacidade de ler o mundo.

A concretização dos *mutirões* faz parte de uma história de resistência que caracteriza a vida dos trabalhadores pobres. Foi longo e penoso o caminho para que essa população, através de sua organização, pudesse provar que é capaz de propor e executar programas destinados a resolver parte dos principais problemas de seu cotidiano. A presença de diversos conjuntos habitacionais, construídos em várias regiões da cidade, ilustram perfeitamente essa capacidade.

Tratam-se de moradias de excelente qualidade, com tamanho adequado às necessidades das famílias e construídos por um preço bem menor do que os cobrados pelas empreiteiras. Esses conjuntos habitacionais imprimiram nas periferias pobres de São Paulo "as marcas" da organização e capacidade dos trabalhadores. Tanto que o prefeito que sucedeu Luiza Erundina, frente à Prefeitura de São Paulo, ao visitar um desses conjuntos, afirmou que: "Isso não é moradia de pobre!" Essa afirmação traduz, exatamente, a situação dos trabalhadores pobres. Para eles, parece estar destinado, apenas o papel de produzir a cidade para que outros usufruam dela, restando-lhes viver em áreas distantes, geralmente, desprovidas de equipamentos e serviços coletivos. Quanto à moradia, basta uma "casinha" onde a população possa se amontoar, algo como uma nova versão dos antigos



cortiços, que serviram para abrigar os primeiros trabalhadores. E foi, precisamente, a organização em torno da luta pela casa que possibilitou a percepção da negação de uma série de direitos da população pobre. Inclusive o direito a criticar as "casinhas", e propor um novo modelo para a moradia popular.

Em razão de nossa inserção na luta pela moradia, não poderíamos realizar uma atividade acadêmica que simplesmente falasse sobre os sujeitos como membros de uma empreitada junto às políticas sociais. Nossa longa trajetória com esses personagens, e a compreensão da importância dos mesmos para a produção de uma cidade mais justa, nos impede de concebê-los apenas como objeto de pesquisa. Como afirma Boterf (1999, p. 51): "Em uma pesquisa tradicional, a população pesquisada é considerada passiva, enquanto simples reservatório de informações, incapaz de analisar a sua própria situação e de procurar soluções para seus problemas".

Colocar como temática desta investigação o papel de setores subalternos, na criação e ampliação dos direitos fundamentais da população pobre, implica em demonstrar como, a partir de sua prática, esses personagens transformam-se em sujeitos da História. Para assim proceder, optamos pela pesquisa participante, porque de acordo com Brandão (1988, p. 11): "Conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a sua história de classe. Aprender a reescrever a História através da *sua* história. Ter no *agente* que pesquisa uma espécie de *gente* que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a *pesquisa participante* – onde afinal pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular."

Assim, os principais instrumentos técnicos de trabalho de investigação científica podem ser as entrevistas com os envolvidos no processo, bem como a nossa própria observação/vivência junto a eles. Realizamos entrevistas "abertas" no sentido de possibilitar a inclusão de idéias/enfoques dos protagonistas, tal como apregoam adeptos<sup>1</sup> da História Oral que nós tomamos como referência.

Assumimos, por princípio, que realizamos uma investigação participante, do qual os personagens – os entrevistados e tantos outros com os quais convivemos – são co-autores, e não apenas objetos de

---

<sup>1</sup> Cf. Thompson, P., 1992, *A Voz do Passado: História Oral*, Rio de Janeiro Paz e Terra; Corrêa, Humberto 1987, *História Oral: Teoria e Técnica*, Florianópolis, UFSC; Meihy, José C.S. Bom, 2000, *Manual de História Oral*, São Paulo, Loyola.

estudo. O conjunto das entrevistas permite demonstrar um aprendizado significativo adquirido nas lutas travadas por esses personagens na busca por uma cidade que não relegue os grupos menos favorecidos. Realizamos entrevistas que se caracterizam como falas de personagens que têm profunda vivência e experiência na luta social e política que um coletivo empreendeu.

As falas dos personagens refletem a importância e a necessidade das lutas sociais, mas demonstra também as dificuldades para enfrentá-las no cotidiano<sup>2</sup>. Tais dificuldades estão presentes no cotidiano dos trabalhadores pobres, transformando suas vidas numa experiência dolorosa. Bastam alguns exemplos para avaliarmos isso: desemprego, salários insuficientes, precariedade dos serviços de saúde, alimentação inadequada, moradias precárias, violência, transportes desconfortáveis e caros, entre outros.

Os transportes representam um desgaste enorme, que a grande maioria dos trabalhadores sofre "na pele" diariamente. Não é nem preciso embarcar numa "viagem" de metrô, por volta das dezoito horas, basta apenas um olhar para avaliarmos como é a vida desses trabalhadores. E muitos deles, ao desembarcarem do metrô, enfrentam ainda nova "viagem", desta vez de ônibus para, finalmente, chegarem em casa. Como imaginar que tais trabalhadores, depois de um dia, assim penoso, tenham ainda resistência para refletir sobre sua existência? Estando sujeito a tantos danos é quase impraticável, acreditar que a cidade deve e pode ser melhor!

Nossa vivência com o cotidiano de muitos trabalhadores nos fez perceber a importância de um trabalho de investigação que pudesse contribuir através da reflexão sobre o papel dos agentes sociais na construção do espaço urbano. Como é na cidade que vive hoje a maioria dos brasileiros, acreditamos que as lutas sociais urbanas sejam bastante significativas, de tal forma que os pesquisadores podem encontrar nelas o seu comprometimento e sua razão de ser. A partir

---

<sup>2</sup> Vejamos como se expressa um personagem referindo-se às lutas travadas pelos mutirantes: "Agora eu gostaria de terminar, concluir a minha entrevista, porque essa entrevista é um documento, e vai expressar o meu pensamento, tá expressando aí a minha vida, porque eu me engajei na luta, eu, que fui um operário durante vinte anos, quando existia trabalho nesse País. Sou um ex-metalúrgico, trabalhei durante vinte anos na metalurgia, fui sindicalista e naquele período eu entrei na luta, tinha uma luta sindical, mas eu não descobria, eu vivia naquela luta apenas por salário, pra me manter trabalhando, era uma luta sindical, mas não sabia por quê. Por que eu quero concluir essa minha entrevista falando disso? Pra deixar escrito aqui a importância da luta e porque eu dei tanta importância a essa luta. Não é fácil um trabalhador que tem família, e que tem que trabalhar pra manter a família, e também que tem que levar uma luta, não é muito fácil não, você tem que ter muita persistência." (Aparrião José de Carvalho).

delas, poderemos encontrar novas maneiras para compreender o urbano, de compreender o sentido de realizar a investigação social. E isso exige a utilização de métodos adequados capazes de contemplar o papel dessas lutas para a construção da cidade. Por isso, encontramos na fala dos entrevistados, a maneira mais adequada para construirmos um trabalho de cunho científico e educativo, cujo retorno seria de grande interesse dos protagonistas.

Queremos ressaltar que a opção pela pesquisa participante, com uso de relatos orais dos personagens, significa nosso compromisso com a luta por uma cidade mais humana e o reconhecimento de agentes sociais silenciados. Buscamos, a partir de nosso referencial, contribuir para a construção de uma cidade mais próxima do desejável, mais perto dos sonhos. De nada adiantaria nosso referencial para compreendermos o espaço urbano, se não pudéssemos colocá-lo a favor das lutas por uma cidade que contemplasse os anseios dos sujeitos que nossa pesquisa destaca. Pensamos ser necessário compreender que tipo de cidade está sendo produzida no cotidiano, para além ou para quem das políticas governamentais. Para quem esta produção está sendo direcionada? Apenas uma parcela da sociedade tem "direito à cidade", na medida em que a produção da cidade volta-se, prioritariamente, para a produção do capital, relegando, assim, a maior parte de seus habitantes como algo inelutável? Foi tentando melhor compreender a cidade que encontramos no discurso dos protagonistas ou dos entrevistados os elementos que respaldam o método mais apropriado para responder essas questões. Seus relatos orais permitirão que ocupem seu verdadeiro lugar na História, isto é, sujeitos do processo de construção de uma cidade/sociedade mais igualitária.

As entrevistas realizadas ocorreram no espaço onde reside o personagem, e sempre no final de semana, quando a disponibilidade de tempo é mais provável. E é nesses dias que existe uma presença mais significativa no local das atividades coletivas em prol da moradia, e, aproveitávamos assim, para conhecê-los, observar, conversar e fazer fotos. Percebemos que aqueles personagens, que conhecemos a partir de nosso convívio nas atividades do *Fórum dos Mutirões*, geralmente, nos recebiam no centro comunitário para gravar a entrevista. Depois, no transcorrer da entrevista, com o depoente mais à vontade, surgia o convite para conhecermos sua casa. Sentíamos que, nesse momento, rompia-se a última barreira, não éramos mais apenas pesquisador e pesquisado.

## **5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: MUTIRÃO PARA A CIDADE DE TODOS**

Nesses treze anos de envolvimento na luta pela moradia, percebemos claramente que os movimentos de moradia vêm contribuindo para a construção de uma cidade mais justa e democrática. A existência do Programa de Mutirões Autogeridos resultou de uma longa e penosa luta da população de baixa renda. Esse programa é fruto de um aprendizado que foi amadurecendo no transcorrer da luta pelo direito fundamental da habitação.

Diante da ineficiente atuação do Estado frente a questão da moradia para os trabalhadores de baixa renda, a população se organizou, visando encontrar uma solução viável e de acordo com a sua ótica. As entrevistas, resgatando a memória através da História Oral, revelam que a construção da moradia de forma autogestionária se apresenta como uma maneira alternativa para enfrentar o problema social da habitação. É óbvio que deveriam existir programas habitacionais destinados aos trabalhadores de baixa renda, que não utilizassem a mão-de-obra dessa população. Entretanto, como as entrevistas permitem demonstrar, essa possibilidade praticamente não existe no horizonte das políticas sociais que exigem razoável volume de investimentos.

Se a inexistência desses programas com empenho de sobre-trabalho causa indignação, o que devemos sentir diante de governos que entram o desenvolvimento das soluções encontradas pela população para amenizar a falta de moradia, como no caso dos mutirões autogeridos?

Apesar de exigir o trabalho dos futuros moradores na construção das casas, visualizamos que estes empreendimentos populares representam um exercício de cidadania, pois garantem o direito a uma moradia adequada. Além disso, eles demonstram a capacidade da população de baixa renda na formulação de programas mais adequados à sua realidade para enfrentar problemas fundamentais, no caso a moradia. O aprendizado adquirido durante o processo poderá permitir enfrentar a falta de moradia para os trabalhadores de baixa renda de uma forma menos cansativa ou onerosa.

Enfim, da nossa parte não restaram dúvidas de que a investigação a partir da História Oral é capaz de produzir excelentes resultados, seja para a academia, para a comunidade científica; seja para os protagonistas de parcela fundamental da História da cidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1990.  
AZEVEDO, Sérgio; ANDRADE, Luís. *Habitação e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

- BOLAFFI, Gabriel. Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema. In: MARICATO, Ermínia. *A produção capitalista da casa e da cidade no Brasil*. São Paulo: Alfa Omega, 1979.
- BONDUKI, Nabil. Habitação popular: contribuição para o estudo da evolução urbana de São Paulo. *Espaços & Debates*, São Paulo, Neru, n. 5, 1982.
- \_\_\_\_\_. *C. Construindo territórios de utopia*. Rio de Janeiro: Fase, 1992.
- \_\_\_\_\_. Crise de habitação e luta pela moradia no pós-guerra. In: KOWARICK, L. (org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Habitar São Paulo: reflexões sobre a gestão urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- BORAN, Jorge. *O senso crítico e o método: ver - julgar - agir*. São Paulo: Loyola, 1977.
- BOTERF, Guy Le. Propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C. Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRANDÃO, C. Rodrigues. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CORRÊA, Humberto. *História oral: teoria e técnica*. Florianópolis: UFSC, 1987.
- FORTUNATO, Elizabeth. *A fala e a casa: os sem-terra da Leste II na luta pela moradia*. Dissertação [Mestrado] – FFLCH-USP, 1995.
- GOHN, M. Glória. *Movimentos sociais e luta pela moradia*. São Paulo: Loyola, 1991.
- KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- MARICATO, Ermínia. *Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MEIHY, José C. S. Bom; LEVINE, Robert. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- MEIHY, José C. S. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_. (org.). *(Re)Introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- SINGER, Paul; BRANT, V. Caldeira. *São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis: Vozes/CEBRAP, 1982.
- THOMPSON, Eduard P. *A miséria da teoria – ou um planetário de erros*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.